

SERVIÇO

Quando frequentava uma formação sobre voluntariado hospitalar, promovida pela Cáritas Diocesana de Coimbra, um dos formadores contou uma pequena "história", que dizia ter sido a sua primeira experiência como voluntário nos Hospitais da Universidade de Coimbra, para ilustrar o que se pretendia do voluntário, e que me parece um bom exemplo do significado de serviço, e que aqui vou recordar:

- "Na primeira visita que fiz sozinho à enfermaria de urologia, o primeiro doente que visitei, era um senhor já bastante idoso, que se encontrava sentado, junto à janela.

Cumprimentei-o, expliquei-lhe porque estava ali, e, sem dificuldades, estabelecemos um diálogo.

Em pouco tempo fiquei a saber o seu nome, idade, residência, há quanto tempo ali se encontrava.

Era de uma povoação de perto de Castelo Branco, já ali se encontrava há cerca de um mês, sentia-se só.

A família apenas o tinha ido visitar uma vez, eram de longe, e não viviam muito bem.

Acabei por me sentar perto dele e fui ouvindo.

Falou um pouco da sua vida.

Passei ali, naquele primeiro dia, bem mais de uma hora.

Durante as duas semanas seguintes voltei a fazer o mesmo.

Verifiquei que o que mais incomodava aquele doente, era o sentir-se só, estar longe do seu canto, dos seus.

Tinha tido uma vida dura, difícil.

Quando deixava de falar, e eu entendia ter chegado o momento de me despedir, tinha mais qualquer coisa a dizer, como que a pedir que ficasse mais um pouco.

E eu ia ficando...

Na quarta semana voltei, também desta vez se encontrava sozinho, mas estava deitado e entubado.

Não me ouviu entrar.

Aproximei-me da cama e chamei baixinho, ele abriu os olhos, parecia estar à minha espera!

Procurou a minha mão, que apertou.

Já não falou.

Momentos como aquele não passam em vão nas nossas vidas...

Passei ali alguns minutos, e senti como podem ser importantes, para quem recebe, pequenos gestos, uma palavra, um sorriso, e, apesar da tristeza da situação, senti-me recompensado.

Na quinta semana, ainda ali se encontrava, não falou, nem abriu os olhos, e creio que também não ouviu, nem sentiu quando lhe peguei na mão.

Voltei a chamá-lo pelo nome, mas não teve qualquer reação.

Na semana seguinte já tinha partido! Um outro doente já se encontrava na mesma cama".

Lembro-me muitas vezes dessa história, e quando faço a minha retrospeção diária, lamento muitas vezes ter-me esquecido de ter praticado pequenos gestos, algumas palavras de apoio, até um simples sorriso.

Passamos por esta vida cheios de pressa, vivendo muitas vezes de forma desordenada, conquistando, ... quase sempre o que aqui fica, dinheiro, poder, posição social, privilegiando o estar em detrimento do ser, prestando desse modo servidão ao passageiro e esquecendo o permanente.

Cada dia que passa, mais o homem vive só, pensando, cada vez mais, apenas em si, respondendo às solicitações do efêmero, dos baixos desejos, e da mentira.

Vivemos na ilusão da separatividade, alimentados pelo egoísmo e pelo orgulho, pensando que criamos de forma separada e independente alguma coisa. A realidade, no entanto, é que cada ser humano é tão somente uma célula no grande organismo da humanidade.

Esquecemos tantas vezes os que nos rodeiam!

Façamos da nossa vida um serviço permanente, no lar, no trabalho, na nossa comunidade, mesmo que não façamos mais do que

estender a mão a quem suba, com dificuldades, os degraus dum autocarro. São por vezes pequenos gestos, mas que podem ter um grande significado para quem os recebe. "Faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti", sem te importares com o que eles possam fazer por ti.

Não pensemos tanto em nós, tenhamos em mente que na vida, o que verdadeiramente interessa, não é aquilo que recebemos, mas sim aquilo que damos.

Max Heindel, na sua carta aos Probacionistas nº 13, diz-nos «não podemos ascender à cruz e alcançar os mundos invisíveis sem que sejamos dignos, sem que tenhamos servido dentro do limite das nossas possibilidades, acolhendo com alegria todas as ocasiões de ajudar sem nos preocuparmos com honras e agradecimentos, simplesmente pelo amor do serviço.

Mealhada, 1 de novembro de 2019

Manuel Filipe